

FERRAMENTARIA



Oficina “Teatro do jornal”

*LASTRO Laboratório da Conjuntura Social:
Tecnologia e Território – IPPUR/UFRJ*

Coordenação: Ana Clara Torres Ribeiro (in memorian)

Coordenação da oficina:

*Ivy Shipper – geógrafo, doutorando IPPUR/UFRJ
e membro LASTRO*

*Acompanhante: Ida Matilde Pela – arquiteta e
urbanista, doutoranda PPG Arquitetura e Urbanismo UFBA,
professora Faculdade de Arquitetura UFBA*

Ivy Shipper*

Cartografia da Ação Social e Teatro do Oprimido: complementaridade na pesquisa qualitativa através do Teatro Jornal na rua

INTRODUÇÃO

A oficina de Teatro Jornal oferecida pelo Laboratório da Conjuntura Social: tecnologia e território – LASTRO-IPPUR/UFRJ – em Salvador durante o Seminário **Corpocidade 3** em abril de 2012, foi o primeiro passo na direção da consolidação da intervenção urbana como linguagem de diálogo entre o saber dos acadêmicos e os homens e mulheres comuns no espaço banal, aquele em que todos transitam, cada um com o seu afazer de qualidade diferente, nas movimentadas ruas da grande metrópole capitalista. Este intuito, direcionado à concepção da intervenção urbana como técnica qualitativa de pesquisa social vinculada à metodologia da Cartografia da Ação Social, devido ao grande interesse que despertou nos integrantes do LASTRO, acabou trazendo à coordenação dos pesquisadores por Ivy Shipper auxiliado por Felipe Araújo Fernandes, a oportunidade de homenagear coletiva, interna e abertamente no evento a nossa brilhante e inquietíssima doutora e orientadora Ana Clara Torres Ribeiro (*in memorian*) e agradecer à doutora Cátia Antônia da Silva e os pesquisadores Luís Peruci do Amaral, Vinícius Carvalho de Lima, Raquel de Pádua e Carmen Beatriz Silveira, além de

* geógrafo, doutorando da IPPUR/UFRJ

Ida Matilde Pela*

Notas de uma acompanhante

– moradora

Acompanhar a oficina do grupo LASTRO em Salvador se deu, pela oportunidade de participar do Corpocidade 3 e, sem muitas pretensões, compartilhar outras experiências de apreensão da cidade de Salvador e, também, vivenciá-la como moradora. Assim, este texto é apenas o registro, não mais do que isso, dessa vivência de dois dias junto ao grupo. Quero só salientar algo que perpassou as conversas antes e durante as oficinas: havia boatos e, não só boatos, sobre os pequenos furtos que estavam acontecendo na cidade (eu inclusive havia sido vítima). Esta insegurança que eu estava sentindo de algum modo me acompanhou naqueles dias, e que acabou de certa maneira refletindo naqueles que estavam buscando vivenciar a cidade. O receio de perder algum material de valor (máquina fotográfica, filmadora, celular), ao meu ver, influenciou de alguma maneira nas experiências da cidade.

* arquiteta e urbanista, doutoranda PPG Arquitetura e Urbanismo UFBA

Débora Santana de Oliveira e o Coringa do Centro do Teatro do Oprimido/RJ Alessandro Conceição, que contribuíram decisivamente na preparação da Oficina e deste texto.

A CARTOGRAFIA DA AÇÃO E O TEATRO DO OPRIMIDO

Nós somos um grupo que pesquisa o campo da ação social, tece análises apontando características das microconjunturas (na escala do lugar e no tempo presente e cotidiano) e de experimentação nos campos do protagonismo na área cultural através da apropriação temporária de espaços públicos como contribuição às tentativas de desocultação dos movimentos de mudança social.

Fazemos uma pesquisa-ação (THIOLLENT, 1985) experimental e acreditamos que junto com a crise atual de valores, tempo de extinção de instituições que no passado recente foram marco do avanço de conquistas sociais do povo brasileiro, tempo de crise societária e escassez de “mecanismos de inclusão econômica e simbólica



Exercícios de “destravamento” do corpo. Fotos: Ivy Shipper

que sustentam a generalização de direitos” (RIBEIRO, 2005), principalmente nas grandes cidades, é necessário apoiar iniciativas que criem vínculos sociais com processos de enfrentamento da crise urbana. Há que se preparar o saber científico para aprofundar a capacidade de conhecimento dialogado com a vida cotidiana – representado pelo cuidado com a escuta do Outro, e sua problemática centrada no protagonismo dos homens comuns enfrentando as dificuldades da vida coletiva na cidade.

Na prática, aplicamos recentemente a passagem da metodologia principal centrada no uso do Banco de Ações e Processos Sociais (BAPS), para, mediante o ingresso na Rede Pública de Ensino Estadual em São Gonçalo (RJ) (SCHIPPER, 2010), fazer a leitura da ação social e a construção de mapas com alunos do primeiro ciclo do ensino fundamental (quarto e quinto ano), e também através de grupos focais integrados por jovens estudantes, trabalhadores ambulantes e jovens mulheres cooperativadas do bairro popular do Salgueiro. (RIBEIRO; SILVA, 2009)

Estamos construindo as primeiras experiências tentativas da “abordagem corporal” no espaço público pela intervenção urbana, procurando um contato direto, efêmero e de troca com o povo nas ruas, que será provocado a ser participante dos debates publicizados pela equipe de pesquisadores e participantes da Oficina de Montagem de Teatro Jornal proposto pelo LASTRO.

Para nós, a experiência artística com os jogos dramáticos de preparação e encenação teatral favorece o contato sensibilizado consigo mesmo, com o grupo (Oficina de dentro) e com o público (Oficina de fora) na construção da ação, e abre caminho para a possibilidade criativa de protagonismo cultural, cidadão.

Dentro de uma perspectiva crítica da Geografia, uma questão propriamente em destaque

é se o teatro pode ser considerado como uma técnica do corpo. Milton Santos (1996, p. 64) em sua pesquisa e avaliação sobre a literatura a respeito da ação social, ao considerar que toda ação está sujeita às normas escritas ou não, formais ou informais, cita Max Pagés – em *Le emprise de l'organisation*. Paris: Presses Universitaires de France, 1979 – para quem esta subordinação às normas já existe “desde a fase inicial das técnicas do corpo, à fase atual das técnicas da inteligência”.

Neste sentido, entendemos que o que diferencia e singulariza o Teatro do Oprimido é a opção pelo Teatro Político, centrado na participação do Outro e na socialização dos meios de produção das cenas com os grupos e sujeitos oprimidos. Um importante discernimento é a compreensão de que o oprimido é aquele que é capaz de não se conformar com a situação adversa à qual está submetido e partir para o seu enfrentamento. Já aquele que não se reposiciona e permanece submisso é considerado deprimido.

Com este sentido de aproximação do movimento social, passamos a estudar e praticar em oficinas de formação de multiplicadores de algumas modalidades de teatro que compõe, o Teatro do Oprimido de Augusto Boal, de antemão bastante identificadas com os anseios da Cartografia da Ação Social na direção da corporificação do sujeito de direitos. (RIBEIRO, 2000)

A CARTOGRAFIA DA AÇÃO SOCIAL

A Cartografia da Ação Social, de acordo com a direção apontada por Ana Clara Torres Ribeiro junto à equipe do LASTRO, vem se caracterizando como metodologia de compreensão da realidade presente e de seus sinais tentativos de mudança social, através da leitura de ações protagonizadas pelos homens e mulheres comuns que dão visibilidade e colocam pressão sobre as situações de dificuldade enfrentadas em sua vida cotidiana nas ruas, nos bairros e na cidade.

De uma forma relativamente simples, a coleta de notícias de jornal a respeito de manifestações, protestos e processos sociais em curso; e sua organização em um banco de dados especializado permite a desconstrução definitiva do texto jornalístico e a releitura da ação através de seu reposicionamento dentro de categorias da sociologia, tais como: sujeito da ação, mediadores, opositores, lugares e sentido da ação e dos problemas enfrentados, além da forma da ação, seus motivadores, seus meios e seus desdobramentos.

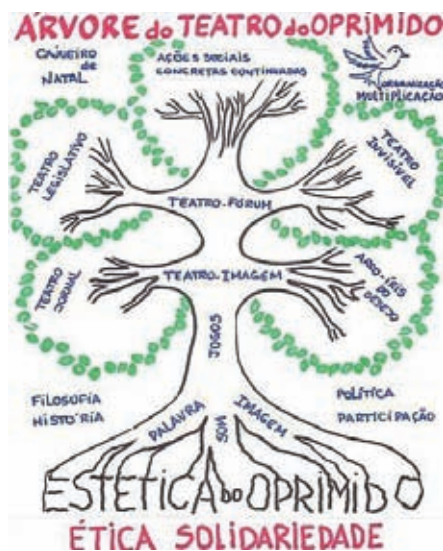
A organização criteriosa deste banco de dados permite que após algum período significativo de coletas, estejam dispostos não apenas acontecimentos originais, repletos de urgência, insatisfação popular, vontade de mudança e criatividade, mas também estruturadas as bases empíricas de análises mais generalizantes que acabam revelando tendências da ação no espaço, no tempo e em suas formas de socialização e apropriação da esfera pública. A partir deste patamar de pesquisa, alguns fenômenos observados estão suficientemente registrados para transformarem-se em mapeamentos, tipologias, identificação de problemáticas e das respectivas táticas de grupo e estratégias sociais em uso no presente, de acordo, portanto, com os fins da metodologia da Cartografia da Ação Social.

CARTOGRAFIA DA AÇÃO SOCIAL E TEATRO DO OPRIMIDO: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE LEITURAS COMPLEMENTARES DE SOCIEDADE

O Teatro do Oprimido é desde já muito identificado com a Cartografia da Ação Social porque a construção da ação dramática nesta estética se dá a partir da identificação de um sujeito oprimido e um opositor opressor. Identificamos aí um princípio de compreensão sociológica - de que a ação é sempre dirigida de um sujeito a outro ator dentro de um contexto, como disse Weber (1994), ou a um opositor.

Uma primeira observação a ser feita a partir do relacionamento do Banco de Ações e Processos Sociais(BAPS) com o Teatro do Oprimido é a do tratamento temporal que a Ação recebe no que se refere à atuação do sujeito do ponto de vista do corpo e o modo de sua intervenção na realidade. Inclusive, no BAPS a ação social coletada em jornais de grande circulação pode aparecer sob a forma cumulativa no tempo.

É interessante notar na Árvore do Teatro do Oprimido – espécie de representação visual das bases teóricas, científicas e éticas, dos veículos corporais do trabalho, das técnicas de dramaturgia, sua tipologia, seus objetivos gerais e estéticos e sua temporalidade – as circunstâncias do surgimento de cada tipo de técnica, e a continuidade das ações socioculturais.



O Teatro do Oprimido

Inicialmente é interessante destacar que o Teatro de Augusto Boal surge para a sociedade brasileira totalmente envolvido com causas políticas e de mudança social, atravessa períodos pré e pós ditadura militar no país, tendo sido desenvolvido em

grande parte também no exílio de Boal (a partir de 1971), tanto em países da América Latina quanto da Europa durante o período pesado e arrefecido que se implantou no Brasil a partir 1964, mas também através da permanência e contato sistemático entre curingas espalhados por vários continentes.

No Teatro do Oprimido, em sua fase Estética (atual), verdadeiras categorias de dramaturgia são discerníveis e desenvolvidas nas seguintes direções:

a) o Teatro-Fórum – aquele em que a estrutura da cena se adequa à posterior participação dos “expect – atores” (a partir de uma exposição dramatizada e clara de uma relação opressor – oprimido, os antigos espectadores, agora vistos como possíveis protagonistas ou aliados do protagonista, podem, ao final da apresentação, substituir o oprimido em algum trecho da cena e propor um novo desfecho que se caracterize pela tentativa de confrontar e desestruturar a ação opressiva); (BOAL, 2005)

b) a técnica de preparação de cena chamada *Arco-Íris do Desejo*, onde o opressor é identificado e ‘mapeado’ em suas diferentes expressões na dinâmica subjetiva do protagonista oprimido; (BOAL, 2002)

c) a técnica de se encontrar a partir da notícia de jornal um argumento para a cena (BOAL, 1979) numa leitura ágil da realidade cotidiana, especialmente pela urgência da situação de opressão apontada pelo sujeito da ação, que concretiza esta aproximação da técnica de pesquisa social com o Teatro. No Teatro Jornal, o trabalho com a diversidade de notícia se dá a partir da simultaneidade entre diferentes fatos e matérias – todos reunidos no mesmo momento pelo jornal.

Sob a perspectiva da Estética do Oprimido, a relação entre o teatro, o corpo e a cidade é que através da desmecanização do corpo de seus afazeres, obrigações e compromissos cotidianos,



Escolha da notícia a partir dos jornais da cidade. Fotos: Ivy Shipper.

A tensão do corpo e das palavras – este foi o primeiro momento da minha experiência – pude participar das atividades do “destravamento” do corpo – e como era um grupo pequeno, todos os olhares sempre atentos aos movimentos e aos “sentimentos” que cada um trazia e que buscava, através da expressão corporal, se soltar.

Num segundo momento nós fizemos uma busca pelas notícias que haviam sido divulgadas pela mídia impressa sobre a cidade para depois buscar sua interpretação. O entender as várias possibilidades que trazem uma notícia, o interpretar e entender o jogo que ali acontece.





Do momento de construção da interpretação da notícia eu não participei. Chegou então o momento de irmos para a rua, levar a notícia, a interpretação para o cotidiano da cidade. Neste momento a minha função era levá-los a algum lugar da cidade, que lugar seria esse? Voltava a minha sensação de insegurança de experienciar a verdadeira cidade – a dos jornais ou a do meu cotidiano enquanto moradora de Salvador. Quais lugares seriam “seguros”? Estava eu restringindo a experiência da cidade de Salvador? As possibilidades de lugares se deram em relação ao tempo disponível que tínhamos, mas sem dúvida também ao meu “receio” de levar o grupo para um lugar que eu não considerava “seguro”. Isso pra mim foi limitador. Fomos então para a Avenida Sete de Setembro, até a Praça da Piedade – lugar vivo, dinâmico do centro de Salvador. Ali percebemos o “fora” da praça – pessoas caminhando rapidamente, outras trabalhando, outras sentadas nos bancos que possibilitam ver/ouvir o barulho do trânsito. Nós escolhemos o “dentro” da praça, pois era outro som, uma outra ambiência. A música estava presente com um carrinho de som que frequentemente está ali e, o melhor, um casal de idosos dançando – pareciam estar num baile, pareciam ser frequentadores assíduos.

Ali o grupo procurou construir a situação da experiência. Tínhamos que primeiro “guardar” todo o material (bolsas, mochilas, máquina fotográfica, filmadora). Eu fiquei responsável por “vigiar” tudo a minha volta, junto à fonte da praça e, em parte, registrar a experiência. As pessoas que estavam no entorno ficaram observando a movimentação do grupo. Uma senhora entrou e interagiu. Num outro momento a proposta de discutir o tema: falado, lido, ensaiado, com a expressão através dos movimentos. Para mim foi um momento de perceber essa vivência de outra forma, não somente de passar, de observar, mas de atuar no espaço da cidade, daquele lugar.

Dali fomos para o Largo Dois de Julho. O Largo me deu a sensação de proteção, mais sombra, uma ambiência mais “fechada”, essa foi a minha impressão. Tinha moradores e pessoas sentadas nos bancos, mulheres

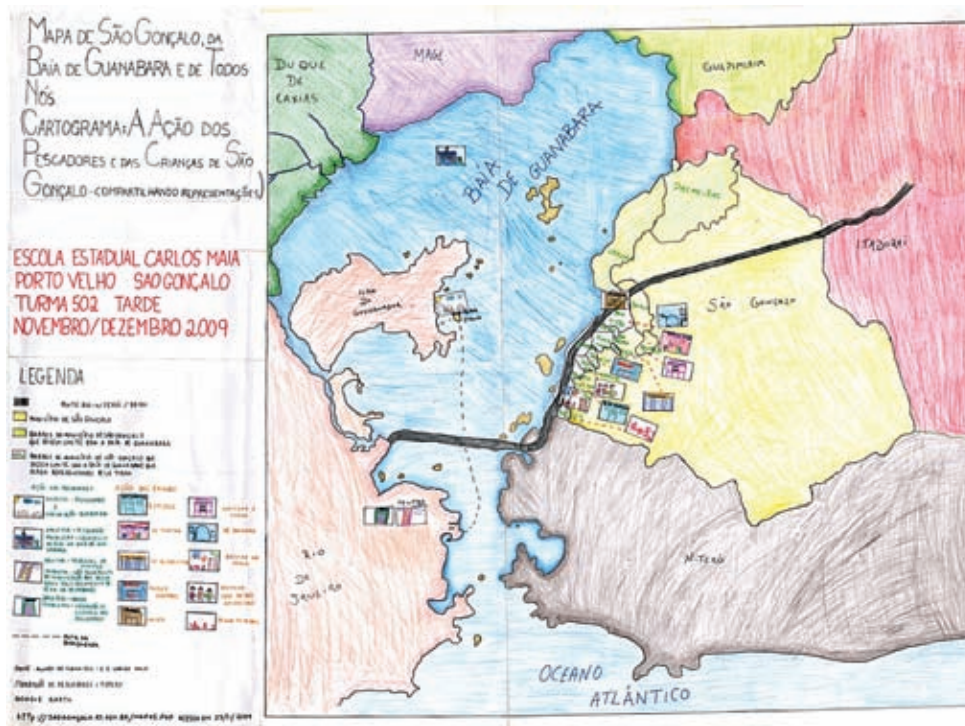
a sensibilidade do sujeito está mais apta a escutar, perceber e se implicar com a cidade e seus habitantes, ao invés de apenas consumir a paisagem espetacularizada e se submeter às rotinas, horários, direções e posições cristalizadas pela ordem urbana (Alessandro Conceição, curinga do CTO, responsável pela oficina preparatória para montagem do Teatro Jornal apresentada no *Corpocidade 3*, abril 2012).

O Teatro Jornal

O Teatro do Oprimido faz a leitura de jornal através da técnica de teatro jornal, uma das técnicas populares de Teatro Latino Americano, trabalhado por Boal a partir da década de 1950. O Teatro Jornal é considerado a primeira técnica do Teatro do Oprimido. E tem como objetivo devolver o teatro ao povo e ao mesmo tempo, desmistificar a pretendida objetividade do jornalismo por entender que toda notícia publicada em um diário é uma obra de ficção a serviço da classe dominante.

Atualmente, uma oficina de preparação de Teatro Jornal é composta por jogos de desmecanização corporal e estética e exposições sobre a história e a teoria do Teatro do Oprimido, além da escolha entre várias técnicas de leitura dramática da notícia: leitura simples, leitura cruzada, leitura complementada, ação paralela, leitura com ritmo, leitura com improviso, leitura com histórico, entrevista de campo, concreção da abstração, texto fora do contexto e leitura complementada. Este arsenal de técnicas aplica-se a leitura de uma notícia, que ao ganhar este tratamento, ganha na verdade observações da experiência, do intelecto e da criatividade dos artistas quebrando, assim, a dita objetividade do texto puramente jornalístico. Apenas a leitura simples em público e voz alta, ao dissociar a notícia do resto da edição (BOAL, 1979, p. 43) paginada e diagramada do jornal, já é considerada uma ruptura com os artifícios da ficção jornalística.





OUTROS PARÂMETROS ATUAIS DE APROXIMAÇÃO

Em laboratório, fazemos leituras da realidade urbana a partir de notícias de jornal para gerarmos além de banco de dados, mapeamentos, agrupamentos de atores sociais, instituições, periodizações, etc. Isto nos abre diversas possibilidades de análise social com posterior aprofundamento (por meio de técnicas qualitativas de pesquisa), conceituações, construção de hipóteses etc.

Um exemplo concreto desta abertura é a já praticada experimentalmente Cartografia da Ação na Escola Estadual Carlos Maia, no bairro do Salgueiro, em São Gonçalo (SCHIPPER, 2010) com alunos do ensino fundamental, a partir da Faculdade de Formação de Professores (UERJ/SG). Com estes jovens estudantes, fizemos a coleta e leitura de notícias de jornal e a desconstrução do texto jornalístico, bem como, trabalhamos o desenho para a simbolização das categorias da ação e também com recortes e colagem de figuras, que além de possibilitarem a criação de imagens da ação social, enriqueceram nossas discussões, vínculos



Experiência da Cartografia da Ação Social na Escola Estadual Carlos Maia, 2009



e crianças e, em outros bancos, taxistas – o cotidiano de uma terça-feira. A necessidade de novamente guardar as mochilas e todos ali do grupo já estavam mais a vontade, mais “naturais”, como se fossem já de Salvador. Ali, a experiência foi mais próxima aos que estavam no Largo, o depoimento de uma pessoa mostrou sua consciência com o que estava ocorrendo com a cidade naquele momento: o descuido por parte dos poderes municipais.

Depois fomos buscar outros lugares para além da oficina. Naquele final de tarde de terça, andamos pelo “centro” que acontecia na sua normalidade, no seu cotidiano, e nós, que éramos poucos, andando em grupo, somávamos aos muitos que ali passavam. Não causávamos nenhum outro acontecimento. Estávamos sim, agora, mais do que nunca (re)conhecendo, experienciando Salvador ao entardecer. Queríamos encontrar lugares de encontros, pra mim (re)encontros. Fomos ao Museu de Arte Moderna (MAM), de lá subimos a íngreme Ladeira dos Aflitos. Fomos em direção ao Passeio Público até chegarmos ao Quintal. Ponto de encontro. Eu, afinal, ainda atenta, mas agora mais moradora do que acompanhante de um grupo.

e compuseram graficamente o mapeamento que preparamos coletivamente (vide figuras ao lado).

A partir deste patamar, a consolidação desta Cartografia da Ação deve se dar pelo desenvolvimento de linguagens e utilização de ferramentas qualitativas de aprofundamento da pesquisa, no sentido de tornar-se ação (pesquisa – ação) e através desta abrir a escuta e procurar o sentido que pelo Outro – o protagonista da ação – é dado ao acontecer que assim tenta deslocar uma condição de dificuldade e com isso transmitir de modo autônomo, o movimento de desocultamento de sua condição desigual para a sociedade.

BANCO DE DADOS DE NOTÍCIAS DE JORNAL SOBRE A AÇÃO SOCIAL E TEATRO

A relação entre o conteúdo de notícias de jornal sobre determinado processo social na cidade categorizado dentro do banco de dados e relacionado a uma expressão dramática já aparecia nos registros de jornal datados do início da década de 1990 e foram tratados na dissertação *Metrópole do Rio de Janeiro: os arrastões e a cena pública*. (SCHIPPER, 1998).

Nesse trabalho, orientado pela professora Ana Clara Torres Ribeiro, aponta-se a noção de cena pública indicando que nesta, a realidade – (que verdadeiramente se dá na “cena metropolitana”) – é uma reinterpretação elaborada segundo os interesses das corporações de comunicações de massa cuja a construção é impregnada de um “institucionalismo” que nos acomete por via impressa ou eletrônico, dotado da capacidade de reunir os mais diversos setores sociais, atuantes em variadas escalas espaciais, sendo enunciados por personas e autoridades de alto escalão do poder político, econômico, acadêmico, utilizando técnicas de mapeamento e estereotipificação de vocabulários, formas de vestir, consumo cultural,

etc, criminalizando a já (economicamente) marginalizada parcela popular jovem da população da periferia da cidade.

O trunfo desta orientação foi elucidar a relação associativa a partir do banco de dados e do conteúdo da ação. O termo arrastão, por exemplo, indica uma “forma” de ação viabilizada por diferentes apropriações: tanto pelas “galeras funk”, quanto por ações repressivas empreendidas pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro na época chamado de “arrastão do bem”; como através da música levada à orla por um bloco, num “arrastão musical”, usado como meio de divulgação de espetáculo teatral. E especialmente as relações entre a cênica e a circulação: o corpo servindo para a tensão limite na forma de viajar perigosamente pendurado no transporte coletivo (no *surf* rodoviário, ferroviário), ou a encenação da briga para gerar pânico e correria para que se recolha objetos abandonados no tumulto (expressões chave para as leituras criminalizadoras).

OFICINA DE MONTAGEM DA CENA DE TEATRO JORNAL

Trabalhar uma Oficina de Montagem de Cena de Teatro Jornal em três momentos e apresentá-la em duas oportunidades numa tarde de dia útil (terça-feira) foi uma oportunidade de homenagearmos a professora Ana Clara Torres Ribeiro e aprofundarmos a possibilidade de articulação entre as duas metodologias: a da Cartografia da Ação Social e a do Teatro do Oprimido, e darmos este primeiro passo nas intervenções dramático-abertas nas ruas da cidade, na ocasião, no Centro Histórico de Salvador.

O decorrer preparatório da intervenção foi composto na prática por :

a) uma exposição à respeito dos princípios básicos e da aplicação da metodologia da Cartografia da Ação Social e a apresentação dos mapas construídos na experiência Cartografia da Ação na Escola;

b) a apresentação do Teatro Jornal, sua aparição dentro de um contexto histórico específico, e as bases teóricas de sua aplicação, além da árvore representativa da estrutura do Teatro do Oprimido;

c) a aplicação dos jogos de desmecanização do corpo e estimulação da sensibilidade compreendida em 4 categorias principais da percepção do Teatro do Oprimido;

d) jogo arauto da Notícia: exercício de escolha da notícia a ser trabalhada, com a subdivisão do grupo em três e escolha da notícia: Show de Zelito Miranda é marcado por protestos. (*Correio da Bahia* segunda-feira 23 de abril de 2012);

e) estruturação coletiva da cena e preparação do material: figurinos, objetos cênicos, equipe de registro;

f) preparação e aquecimento de rua, encenação e ajustes, participação.

A intervenção no espaço público: a prática de rua

A encenação propriamente foi estruturada nos seguintes momentos:

1) o curinga anunciando a apresentação e distribuindo cópias do texto da notícia a ser encenada, para ser acompanhado durante a leitura simples; 2) uma breve apresentação do grupo, da proposta do evento e da cena; 3) a representação da ação propriamente dita envolvendo texto, palavra, imagem, música e dança; 4) a personagem que passa para o papel de curinga questionando a ação da peça e convocando o público a dar suas impressões a respeito da intervenção apresentada.

Resultados

O resultado obtido foi, na primeira encenação, na Praça da Piedade na Avenida Sete de Setembro, a participação de dona Conceição, uma animada senhora que passava pela Praça e parou para participar e gargalhar conosco nos jogos de aquecimento. Um momento anterior ao aquecimento foi a nossa chegada e o reconhecimento da praça, salientando a presença de uma espécie de banca cultural expondo livros e cds e equipada com amplificador, microfone e caixas de som, “pilotada” pelo artista de rua Bob Baiano que declamou Castro Alves, enquanto isto éramos rodeados por alguns casais de “coroas” praticando na praça a dança de salão.

A segunda encenação desembocou nas impressões de uma moradora de Plataforma, bairro conhecido como “subúrbio ferroviário”, que estava sentada aguardando passar o horário de pico do transporte de saída do trabalho na área de proximidade do Largo Dois de Julho, onde estão associadas as funções comercial e residencial. A jovem se disse apreciadora de Zelito Miranda, o artista que dava *show* no Parque da Cidade em Salvador onde ocorreu a manifestação dos ambientalistas pela não aprovação do código florestal como desejava a bancada ruralista no Congresso Nacional, que virou notícia de jornal e foi escolhida para nossa cena de Teatro Jornal.

A trabalhadora/moradora afirmou que é nestas ocasiões, de aglomeração por alguma atividade ligada a cultura ou lazer por exemplo, que se deve manifestar algo em público, “tem que incomodar mesmo”. Diante desta constatação, ela reclamou: das más condições de calçamento das ruas, dos engarrafamentos, da falta de transporte coletivo, da violência na rua e da clausura nas casas como solução possível. Disse que a publicização de vícios está muito difundida na cidade.

Na área da cidade onde mora existe o amedrontamento, pela presença de comerciantes ilegais em certas áreas e, em outras, em que as pessoas desfrutam dos fins de semana, ocorrem várias rodas de pagode nas ruas. Chamou a atenção para o fato de que existe um teatro na vizinhança, que era usado pelos moradores, mas está sem aproveitamento; nem apresentações, nem frequentadores.


CONSIDERAÇÕES EM EVIDÊNCIA

Segundo Ana Clara Torres Ribeiro (2005), para uma sociologia preocupada em captar os vínculos que atravessam muros, barreiras e a indiferença social reinante, torna-se indispensável escutar e conversar com aqueles que habitam as ruas das grandes cidades e iluminam a sociabilidade.

Em contraste com a ordem e a racionalização fragmentadora em curso, o ato tentativo, a “viração” sustenta-se em saberes pretéritos, abrindo-se por sua natureza incerta e tentativa, para a adesão do Outro. A expectativa apontada para o compartilhamento de valores e o enredamento identitário, valoriza as teorias que são capazes de andar de mãos dadas com o senso comum, com o cotidiano e o lugar. A ação espontânea possui a capacidade de ir além do já previsto donde podem “admir descobertas radicalmente novas e vínculos imprevisíveis”. (RIBEIRO, 2005, p. 421) E como afirma Cátia Antônia da Silva (2011, p. 168) em suas reflexões sobre a ação social e os conflitos advindos do uso do território, a proposta da Cartografia da Ação é poder dar conta “[...] do desenvolvimento de metodologias promissoras de novas compreensões sobre os saberes e as ações produzidas pelas racionalidades alternativas”.

Para nós, o Teatro Jornal é uma metodologia irmã, forma de levar uma problemática urbana ao debate, e através da estética escutar o que diz o sujeito comum. Assim, nos valem da estética e do

corpo como meio de sensibilização para a pesquisa, e o processo de construção dramática como campo formador dos sentidos do estar com si próprio e com o outro participando.

Nesta direção, de aprofundar qualitativamente a participação do sujeito coletivo, potencial, de fomentar o protagonismo do Outro como parte integrante de nossa pesquisa ação, se alinha a proposta de Ana Clara Torres Ribeiro de trabalhar com teatro interativo na Cartografia da Ação Social, teatro de participação do Outro nos nossos procedimentos de pesquisa, assim como o seu parecer, a partir de sua experiência e de sua interação com nossas linguagens e ferramentas preocupadas em lhe abrir a escuta. 

BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não atores*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2005.

_____. *O arco iris do desejo*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002.

_____. *Técnicas latino americanas de teatro popular*. São Paulo: HUCITEC, 1979.

RIBEIRO, Ana Clara Torres; et al. Pensamento vivo de Ana Clara Torres Ribeiro. *Revista ReDobra*, Salvador, ano 3, n. 9, ano 3, 2012.

RIBEIRO Ana Clara Torres; SILVA, Cátia Antônia da. *Territórios da Juventude*. Experiências em Cartografia da Ação. Projeto FAPERJ 2009.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Vínculo social: cartografia da ação em contextos metropolitanos*. Projeto CNPq, 2007.

_____. *Sociabilidade hoje: leitura da experiência urbana*. *Cadernos CRH*, Salvador, v. 18 n. 45 p. 411-422, set./dez., 2005.

_____. Sujeito corporificado e bioética: caminhos da democracia. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 24, n.1, jan. /abr. 2000.

SANCTUM, Flávio. A estética de Boal. *Odisséia pelos sentidos*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2012.

SANTOS, MILTON. *A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SCHIPPER, Ivy. *A Cartografia da Ação e a Pesca em São Gonçalo*. In: SEMANA DE PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 14, 2010, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2010.

_____. *Metrópole do Rio de Janeiro: os arrastões e a cena pública*. Dissertação. (Mestrado em Planejamento Urbano, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano IPPUR UFRJ, 1998.

SILVA, Cátia Antônia da. *Território e ação social: sentidos da apropriação urbana*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1985.

WEBER, Max. Ação social e relação social. In: FORACCHI, Marialce M.; MARTINS, José de Souza *Sociologia e sociedade*. Leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1994. p. 117-121.

Sites pesquisados

<http://torio.org.br/novosite/arvore-do-to/teatro-jornal/>

<http://www.corpocidade.dan.ufba.br/2012/>